

1

Introdução

**Teresa Cruz e Silva, João Paulo Borges Coelho
& Amélia Neves de Souto**

As crises de pensamento decorrentes das grandes mudanças verificadas no mundo durante a última metade do século XX e início deste século levaram as Ciências Sociais e Humanidades a acelerar a sua reconceptualização num esforço tendente a clarificar e redefinir o seu papel na sociedade. Hoje, mais do que nunca, se debate sobre a finalidade das Ciências Sociais. Questionamo-nos sobre o seu contributo para a formulação e resolução dos problemas contemporâneos, incluindo de que forma elas podem ajudar a uma maior eficácia na tomada de decisões políticas e administrativas. Questionamo-nos, inclusivamente, sobre o futuro das próprias Ciências Sociais e Humanidades, futuro esse que depende em grande medida da pertinência das visões do mundo que nos proporcionam.

A procura de respostas para estes questionamentos não pode estar dissociada da discussão em torno da problemática referente à produção e apropriação do conhecimento. A cultura científica é actualmente encarada como uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas, na medida em que interfere com todos os domínios da vida social. Ela representa o vector decisivo da modernização e do desenvolvimento.

Numa altura em que tanto se discutem as relações Norte-Sul e Sul-Sul, as questões pós-coloniais e o seu papel na vida actual, questões essas que se aplicam igualmente à produção e apropriação do conhecimento científico, interrogamo-nos se é possível produzir formas alternativas de conhecimento, a partir do continente africano, que possam contribuir para uma perspectiva epistemológica crítica capaz de desafiar os paradigmas hegemónicos, quer eurocêntricos, quer afrocêntricos. É igualmente relevante discutir até que ponto a formulação/reformulação de questões de carácter teórico-metodológico a partir de África poderá, de algum modo, contribuir para uma descolonização das relações de

poder na produção de conhecimento, num meio em que os constrangimentos colocados ao exercício da cidadania ganham particular significado na crescente restrição das liberdades académicas.

Na tentativa de melhor interrogar o futuro, e procurando ao mesmo tempo respostas para o papel das Ciências Sociais e Humanas na solução dos problemas que o mundo contemporâneo nos coloca, o Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane reuniu em Maputo, de 23 a 24 de Setembro de 2009, um grupo de pesquisadores em redor de um tema central para debate: *Como fazer Ciências Sociais e Humanas em África: questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas*. O colóquio foi também uma ocasião privilegiada para homenagear Aquino de Bragança, primeiro Director do CEA, falecido em 1986 no acidente aéreo que vitimou igualmente Samora Machel, primeiro Presidente moçambicano. Cientista social inquieto, que lembrava constantemente a necessidade do questionamento da produção científica e de descolonização do pensamento africano, Aquino de Bragança tinha como grande paixão política e intelectual, como referiu Jacques Depelchin, a procura de respostas singulares para os desafios não só do momento, mas também do futuro.

O debate que decorreu em Maputo reuniu académicos provenientes de instituições do continente africano (Moçambique, África do Sul, Zimbabwe, Cabo-Verde e Senegal) e de alguns países Europeus (Portugal e Suíça). As discussões centraram-se em redor de três eixos temáticos: i) Desafios epistemológicos, metodológicos e políticos na produção de conhecimento em Ciências Sociais e Humanas; ii) Relevância do pensamento de Aquino de Bragança na reflexão sobre os desafios contemporâneos das Ciências Sociais, e iii) Papel da reflexão crítica em Ciências Sociais na afirmação de 'identidade(s) africana(s)' na produção de conhecimento.

A obra aqui apresentada, numa edição que resulta de uma parceria CEA/CODESRIA, reúne a maior parte das contribuições para o colóquio, revistas pelos respectivos autores. *Como fazer ciências sociais e humanas em África: questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas (Textos do Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança)* tem, assim, o formato de 'actas' de um colóquio onde o pretexto da evocação de uma personalidade marcante e do seu legado criou espaço para um cruzamento de ideias sobre o caminho percorrido e o futuro das Ciências Sociais e Humanas no continente africano. Com comunicações centradas nas experiências de países africanos, com destaque para os falantes da Língua Portuguesa, o cosmopolitismo que marcou a vida de Bragança levou os autores desta compilação de textos a trazerem para debate problemas de relações internacionais que envolvem, para além de África, a Europa e a América. As ideias e contribuições que compõem esta obra mostram-nos também a importância do casamento entre as Ciências Sociais e as Humanidades.

O cruzamento de ideias espelhado nesta obra reflecte também as rupturas e continuidades que marcam pelo menos três gerações de académicos africanos das universidades nacionais após as independências. Em alguns casos é possível ler pontos convergentes, mas também contraditórios ou nem sempre concordantes, entre os diversos autores. As suas opiniões abrem, entretanto, novos caminhos para a pesquisa. Afinal de contas, é desta luta de contrários e da procura de convergências que se constroem ideias e projectos, é este o caminho do pensamento científico.

Luís Filipe Pereira começa com uma evocação, falando-nos da *Personalidade de Aquino de Bragança* e dos caminhos por ele percorridos desde o momento em que sai da Índia, aos 23 anos de idade, até Moçambique, um percurso que o levou a outros continentes e ao contacto com políticos, historiadores, e sociólogos, e o transformou finalmente num cidadão africano com ‘várias pátrias’.

Boaventura de Sousa Santos abre o debate com o texto da conferência inaugural: *Aquino de Bragança: criador de futuros, mestre de heterodoxias, pioneiro das epistemologias do Sul*. Começando pelos ‘laços e teias’ que envolveram as actividades diplomáticas de Aquino de Bragança em vários quadrantes do mundo – socorrendo-se para isso, sobretudo, de documentação depositada no Centro de Documentação 25 de Abril em Portugal – e passando pela convicção anti-colonialista que marcou a luta de Bragança, Sousa Santos aborda o contexto da produção científica no Moçambique independente e no Portugal do pós-25 de Abril de 1974 numa perspectiva comparada e centrada em questões de carácter epistemológico.

Elísio Macamo, com *Aquino de Bragança, estudos africanos e interdisciplinaridade*, parte do ‘marxismo de Aquino de Bragança’ para fazer uma reflexão sobre os estudos africanos e sobre a produção do conhecimento científico em África.

Teresa Cruz e Silva, com *Aquino de Bragança e as reflexões e respostas sobre a produção de conhecimento e as ciências sociais em África: Moçambique, lições aprendidas, lições esquecidas?*, parte igualmente do legado de Aquino de Bragança, e da ‘escola’ gerada no Centro de Estudos Africanos, para discutir o papel das universidades e da produção do conhecimento.

Maria Paula Meneses, com *Uma perspectiva cosmopolita sobre os estudos africanos: a lembrança e a marca de Aquino de Bragança*, traz uma reflexão que espelha os percursos de uma geração que viveu os impactos das primeiras mudanças na construção de uma universidade do pós-independência, reflectindo também sobre o conhecimento em África e o poder da História.

Carlos Fernandes, com *Actualidade, urgência e colectivo na emergência de um novo campo de saber em Moçambique: o caso do CEA (1976-1986)*, tenta resgatar a história e o papel do CEA, trazendo uma interpretação sobre as origens e desenvolvimento desta instituição em que, segundo a sua perspectiva, a obra *A Questão Rodesiana* constitui ponto fulcral para a emergência de um novo campo de pesquisa nas Ciências Sociais.

Carlos Cardoso, ao tratar *Da possibilidade das ciências sociais em África*, discute questões epistemológicas contemporâneas das Ciências Sociais e dos Estudos Africanos, voltando o olhar para as condições de produção científica no continente. Cardoso mergulha na história das instituições de ensino superior em África e sua evolução para tratar também da necessidade de rupturas na agenda das Ciências Sociais praticadas em África.

Aurélio Rocha, com *A Universidade e a sua função como instituição social*, traz para discussão o papel social do ensino superior no contexto das mudanças económicas, políticas e sociais contemporâneas. Tomando em linha de conta a situação global do estado do ensino, o trabalho de Rocha é enriquecido pela sua avaliação do percurso da Universidade e dos desafios a que ela tem de fazer face em Moçambique. As suas reflexões abrem caminhos para soluções alternativas e para o papel que cabe neste processo aos cientistas sociais.

Cláudio Furtado, com *A investigação em ciências sociais par le bas: por uma construção autónoma, endógena e horizontal do conhecimento*, discute a produção científica a partir de Cabo Verde, centrando-se na produção que emerge após a independência. O contexto histórico das Ilhas levou Furtado a discutir uma produção científica que, nas suas palavras, foi e continua sendo ‘essencialmente diaspORIZADA’. As reflexões do autor chamam a atenção para os profundos desafios que a prática científica deve enfrentar e, ao mesmo tempo que nos coloca questionamentos apresenta-nos também as novas perspectivas analíticas que começam a emergir nos estudos cabo-verdianos.

Augusto Nascimento oferece-nos uma das raras oportunidades de discutir questões relativas a S. Tomé, com *A construção de São Tomé e Príncipe: achegas sobre a (eventual) valia do conhecimento histórico*. Profundo conhecedor da história daquele país, Nascimento traz para discussão algumas hipóteses ‘sobre as relações das incidências do saber social e, mais especificamente, do saber histórico, com as vicissitudes da evolução política do arquipélago’. Partindo da ‘politização do saber histórico’, percorre as diferentes fases político-económicas por que o país tem passado e trata do desconhecimento da história recente e do silenciamento das memórias, questionando-se se é possível construir um país ignorando essas mesmas memórias e trazendo para discussão, entre outras propostas, a necessidade de um espaço aberto de debate e de produção de saber.

Jimi Adesina, com *Práticas da sociologia africana: lições de endogeneidade e de género na academia*, traz-nos uma reflexão sobre as discussões actuais relativas ao estado das Ciências Sociais em África e o enfoque que os debates realizados nas últimas cinco décadas têm dado à questão da ‘dependência intelectual’ do continente. Procurando situar-se fora do já habitual campo de acusações e pessimismos que caracterizam muitas destas análises, Adesina defende como alternativa a necessidade de uma produção científica de significância epistémica, a partir de dentro. Para ilustrar tal possibilidade, o autor traz para a sua análise trabalhos de autoras

como Ifi Amadiume, Oyeronke Oyewumi e Nkiru Nzegwu, e seus contributos teóricos para as teorias de género, discutindo a partir dos seus estudos a questão da matrifocalidade na luta pela igualdade de género.

Isabel Maria Casimiro, com *Mulher, Pesquisa, Acção e Mudança*, à semelhança de Paula Meneses, embora num contexto geracional diferente, recorre ao seu percurso intelectual para debater a história do desenvolvimento dos estudos feministas em Moçambique feitos a partir do Centro de Estudos Africanos, sublinhando, para isso, o papel de Aquino de Bragança no impulso dado à necessidade de compreender o papel das mulheres no processo histórico. O seu trabalho reforça ainda a importância da contribuição das teorias feministas para a análise do desenvolvimento do continente africano, que a autora particulariza com a análise das sociedades matrilineares.

Luca Bussoti, com *Percepções e práticas da cidadania no Moçambique urbano: serviços públicos, Estado e utentes entre comunicação e alienação*, apresenta um estudo ‘micro-sociológico’ centrado nos serviços de Migração em Maputo, que constitui um bom exemplo da importância concreta que a prática dos cientistas sociais pode ter no contexto dos problemas actuais de Moçambique.

As contribuições encerram com uma série de três textos virados para a literatura contemporânea africana e moçambicana: Fátima Mendonça, com uma leitura comparada das narrativas de Ngungi wa T’hiongo, Alex la Guma e João Paulo Borges Coelho, interroga-se se estamos em presença de hibridismos ou estratégias narrativas; Nataniel Ngomane, com *Do empréstimo à bantucização do Português em Ungulani Ba Ka Khosa*, discute a operacionalização do conceito de ‘empréstimo’ e a sua utilidade para a crítica literária; e, encerrando este painel de discussão, Aurélio Cuna analisa *A escrita literária e as linguagens na ficção moçambicana*, reflectindo ‘em torno da linguagem olhada do ponto de vista da dialéctica leitura/escrita literárias’.

A obra fecha com uma síntese da autoria de Cristiano Matsinhe que, além de elencar as comunicações apresentadas no colóquio, procura também transmitir o espírito do debate.

Melhor do que o brevíssimo resumo que aqui apresentamos, a leitura destes textos permitirá ao leitor verificar como cada um dos autores respondeu à proposta da comissão organizadora da conferência, que se baseou na necessidade de reflectir sobre questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas envolvidas na produção do conhecimento em ciências sociais e humanas em África.

